

**CURADORIA DOS ARTEFATOS LÍTICOS DO ANTIGO ACERVO PLÍNIO
AYROSA**

Davi Comenale Garcia
Gustavo Neves de Souza
Marisa Coutinho Afonso

Vol. XI | nº21 | 2014 | ISSN 2316 8412



CURADORIA DOS ARTEFATOS LÍTICOS DO ANTIGO ACERVO PLÍNIO AYROSA

Davi Comenale Garcia¹
Gustavo Neves de Souza²
Marisa Coutinho Afonso³

Resumo: A formação do Acervo Plínio Ayrosa teve início em 1935, idealizado pelo professor Plínio Ayrosa, do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo. O acervo, atualmente salvaguardado pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, é composto por uma grande variedade de artefatos, entre líticos, plumárias, cerâmicas e cestarias. São apresentados aqui os resultados do estudo curatorial do material arqueológico lítico deste acervo, composto por 263 peças. O estudo deste material revelou uma coleção de diversidade tipológica, tecnológica e cultural ímpares, contando com alguns artefatos singulares da arqueologia brasileira. Neste artigo são abordadas a formação do antigo Acervo Plínio Ayrosa e a composição de sua coleção lítica arqueológica.

Palavras chaves: Curadoria de acervos, Coleções antigas, Indústrias líticas.

Abstract: The Plínio Ayrosa Collection (APA) began in 1935, conceived by Plínio Ayrosa, former professor of the Department of Anthropology of University of São Paulo. The collection, currently stored at the Museum of Archaeology and Ethnology of the University of São Paulo, is composed of a wide variety of artifacts, including lithic, feather items, ceramics and basketry. The purpose of this article is to present the results of a curatorial study of the lithic archaeological materials, which involve a set of 263 artifacts. The study of these materials revealed that the collection presents important information in terms of its typological, technological and cultural diversity, with some unique artifacts of Brazilian archaeology. This article will provide an overview on the formation of APA and the composition of its lithic set of artifacts.

Keywords: Curatorial studies, Museum collections, Lithic industries.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados de um trabalho de curadoria que foi realizado com o material arqueológico lítico do antigo Acervo Plínio Ayrosa (APA). O APA possui uma longa trajetória, que resultou na formação de um acervo com variabilidades artefatuais, tecnológicas e culturais pouco comuns. Atualmente salvaguardado pelo Museu de Etnologia e Arqueologia da Universidade de São Paulo, o acervo foi idealizado na década de 1930 por Plínio Ayrosa, antigo professor do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, que desejava criar um museu etnográfico na universidade. Para tanto, diversas coleções foram

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em arqueologia da Universidade de São Paulo e bolsista da CAPES.

² Doutor pelo MAE-USP e bolsista de pesquisa na mesma instituição.

³ Docente (Professora Associada) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e bolsista de produtividade do CNPq.

adquiridas, às quais foram somados também artefatos trazidos de campo pelos pesquisadores do próprio departamento. Este esforço resultou em um extenso acervo, composto por artefatos líticos, cerâmicos, plumárias e cestarias, oriundos tanto de contextos etnográficos, quanto arqueológicos.

A coleção lítica arqueológica do APA, catalogada por Kipnis, Neves e Santos (1988), é composta por um total de 263 artefatos, alguns deles estudados por Souza (2008). A maior parte das peças é proveniente do estado de São Paulo, perfazendo aproximadamente 31% da coleção (81 peças). Há também artefatos de Minas Gerais, que representam aproximadamente 8% da coleção (23 peças), Paraná 6% (17 peças), Amazonas 6% (16 peças) e Santa Catarina 5% (14 peças), seguidas em número menor por peças do Maranhão, Mato Grosso, Goiás, Rio Grande do Sul, Bahia, Pará, Rio de Janeiro e Piauí. Infelizmente, 92 peças – o que representa 34% do material – não possuem referência alguma sobre sua origem. A tabela 01 apresenta a distribuição dos tipos de artefato por estado, e o mapa da figura 01 fornece um panorama da densidade de peças por estado.

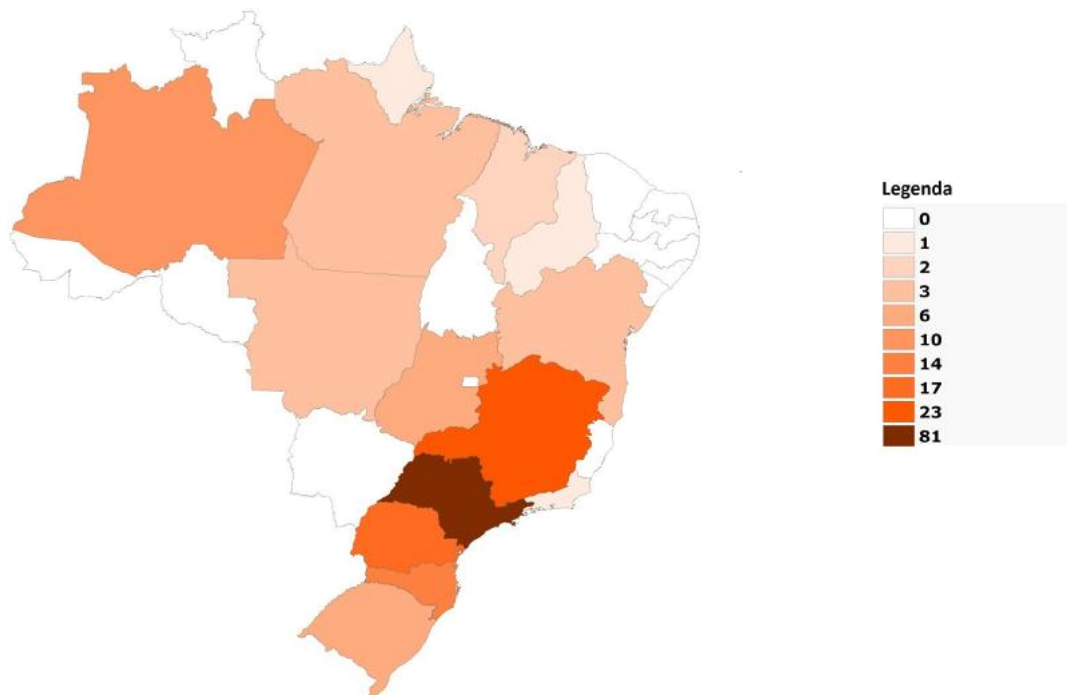


Figura 01: Mapa apresentando a densidade de peças por estado.

Ao longo da história da arqueologia percebe-se, sem grandes dificuldades, que o contexto arqueológico dos materiais estudados foi tema recorrente nos debates de diversos autores. Tal preocupação foi considerada por Phillips e Willey (1953) como parte indissociável da disciplina arqueológica. Segundo eles, *“O objetivo final da arqueologia é a criação de uma imagem da vida dentro dos limites dos vestígios disponíveis do passado. Os objetivos processuais neste sentido podem ser divididos em reconstruções das*

*relações espaço-temporais, de um lado, e relações contextuais de outro*⁴ (PHILLIPS e WILLEY, 1953, p. 616). Este interesse conduziu ao desenvolvimento contínuo de novos métodos de coleta e processamento de dados das escavações, os quais, por sua vez, permitiram que diversos tipos de abordagens da cultura material fossem propostas, em diferentes escalas de análise. Por outro lado, as formas de abordar o registro permanecem centrais na construção do conhecimento arqueológico, demonstrando que novas interpretações acerca de uma mesma cultura material (aplicável a material há muito escavado, ou mesmo a peças de coleções antigas e sem procedência) podem trazer informações mais completas acerca do comportamento das populações do passado.

Entretanto, a atenção dada à obtenção de artefatos em contextos sempre mais precisos tem produzido um resultado pouco animador em relação ao aproveitamento do incontável número de coleções salvaguardadas pelos museus. Em artigo recente, Huster (2013) argumenta que, se por um lado é preciso reconhecer as limitações dos estudos de coleções com pouco ou nenhum contexto, por outro há que se notar também as diversas possibilidades que as mesmas oferecem, principalmente porque frequentemente apresentam, em quantidades incomuns e em boas condições de conservação, peças raramente encontradas em escavações.

A FORMAÇÃO DO ACERVO PLÍNIO AYROSA – DO MUSEU DE ETNOGRAFIA AO NOVO MAE

Há poucas informações detalhadas a respeito da formação do APA. A maior parte do que se sabe foi apresentado no catálogo do acervo de 1988. Na introdução deste documento, a Dra. Dominique Gallois, professora do Departamento de Antropologia da USP e responsável pelo acervo na época, apresentou de maneira sucinta alguns dados sobre sua trajetória. Estes dados podem ser encontrados nos Anais do Museu Paulista, em artigo de Teresa Cristina Toledo de Paula (2005, p. 368-70).

Em 1935, Plínio Ayrosa deu início à formação do acervo etnográfico do *Museu de Etnografia* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Como mencionado, este acervo foi formado a partir de artefatos obtidos tanto em trabalhos etnográficos, de pesquisadores do próprio departamento, quanto de doações e aquisições junto a colecionadores. Em 1938 o acervo recebeu sua primeira incorporação de grande porte. A extinção do *Centro de Documentação Etnográfica e Social do Instituto de Educação* levou à transferência da coleção Rankokamekra-Canela, formada por artefatos coletados pelo etnólogo Curt Nimuendaju em suas expedições no Brasil, para o *Museu de Etnografia*.

⁴ “The ultimate objective of archaeology is the creation of an image of life within the limits of the residue that is available from the past. The procedural objectives towards such a goal may be dichotomized into reconstructions of space-time relationships, on the one hand, and contextual relationships on the other”.

Poucos anos mais tarde, outras coleções foram incorporadas ao acervo, expandindo-o rapidamente. Entre estas incorporações destaca-se uma grande quantidade de peças oriundas de mais de 50 grupos indígenas distintos, advindas da coleção particular de Luís Paixão Silva.

Nas décadas de 1950 e 1960 o crescimento do APA se deu de maneira menos acentuada. Pequenos conjuntos de peças eram incorporados principalmente através de trocas ou compras junto a colecionadores de diversas regiões do País. Houve ainda peças que foram cedidas ao museu por outras instituições.

Apesar de há muito consistir um acervo de porte significativo, foi apenas na década de 1970 que o APA começou a ser divulgado de maneira mais ampla. Em 1975, sob a responsabilidade da Profa. Dra. Lux Vidal, o APA começou a integrar parte das atividades voltadas para os alunos do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. A partir da década de 1980 estas atividades ficaram sob supervisão da Profa. Dra. Dominique Gallois. O APA ocupava então duas salas do prédio de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, sendo exibido em pequenas exposições feitas no saguão da biblioteca da Faculdade e em mostras temporárias de outras instituições, nacionais e internacionais.

Em 1989, houve a criação do novo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, formado com a união do Instituto de Pré-História, do antigo Museu de Arqueologia e Etnologia, dos setores de Arqueologia e Etnologia do Museu Paulista e do Acervo Plínio Ayrosa.

CURADORIA DA COLEÇÃO

À exceção dos poucos artefatos utilizados nas exposições, a maior parte do material arqueológico lítico do APA permaneceu na reserva técnica, nas mesmas embalagens em que foi trazido do Departamento de Antropologia para o Museu de Arqueologia e Etnologia.

A curadoria é definida no Regimento do MAE (artigo 5º) como o ciclo completo de procedimentos técnicos e científicos necessários à interpretação, conservação e promoção dos acervos institucionais, distribuídos na seguinte cadeia operacional: I – formação e desenvolvimento de coleções arqueológicas e etnográficas, consideradas as características de cada domínio do conhecimento e sua problemática; II – estudo, documentação e circulação dos conhecimentos produzidos para fins científicos e de formação profissional; III – conservação das coleções, incluindo soluções de armazenamento e restauração; IV – comunicação do conhecimento arqueológico e etnológico por meio de exposições, experiências pedagógicas e educação para o patrimônio. Com relação à coleção lítica do APA, as seguintes atividades foram realizadas: levantamento da documentação associada às peças e também à constituição deste acervo, higienização das peças, verificação da numeração, estudo para fins científicos, fotografia, acondicionamento em novas embalagens de sacos plásticos com fechamento zip (lacre de plástico) com uma camada de espuma de

etaphoam dentro de cada saco para a proteção das peças e depois em caixas plásticas depositadas na Reserva Técnica do MAE, comunicação do conhecimento arqueológico por meio de apresentações em eventos científicos e publicações. As peças apresentam um bom estado de conservação e o tipo de armazenamento foi melhorado visando sua melhor preservação e acesso.

Foram elaboradas quatro fichas de atributos para as categorias de artefatos que integram a coleção em maior número (pontas de projétil lascadas, lâminas de machado, tembetás e viotes). Uma quinta ficha de atributos foi elaborada para dar conta de uma série de outros artefatos presentes em menor quantidade. A elaboração das fichas seguiu parâmetros propostos por Souza (2008) para análise das lâminas de machado, tembetás e viotes, e Leroi-Gourham (1981) para as pontas de projétil lascadas. Para as demais categorias são apresentadas apenas informações gerais, tais como dimensões, peso, matéria-prima, marcas de uso, estado de conservação e informações sobre o contexto de coleta.

Por fim, as informações digitais foram organizadas e disponibilizadas em dois formatos. O primeiro consiste em um catálogo geral impresso, elaborado com o software Microsoft Access. Para consulta rápida, o catálogo fornece informações resumidas das peças, fotos e sua localização na reserva técnica do museu. O segundo formato é um banco de dados digital completo, elaborado com a utilização do software Microsoft Excel, no qual todas as categorias de análise e as variáveis específicas são apresentadas. Tanto o catálogo impresso, quanto o banco de dados completo estão armazenados no Serviço Técnico de Gerenciamento da Documentação do MAE/USP, à disposição de outros pesquisadores para consulta.

A COLEÇÃO LÍTICA ARQUEOLÓGICA DO ACERVO PLÍNIO AYROSA

Nos itens que seguem, um panorama do material é apresentado, destacando os principais tipos presentes na coleção.

I) Adornos Polidos

Os tembetás são adornos frequentemente utilizados trespassados no lábio inferior, sendo utilizados também lateralmente, nas bochechas. Possuem um polimento extremamente cuidadoso, o que, dependendo do material, lhes confere um brilho intenso. As matérias-primas de qualidade excepcional presentes na coleção, como quartzo e “jade” (possivelmente jadeíta ou nefrita), geralmente apresentam colorações que se destacam naturalmente, como exemplifica a peça da figura 02.

Há também na coleção quatro pequenos pingentes que chamam atenção pelas cores da matéria-prima escolhida e pelo fino polimento. A peça X502, mostrada na figura 03, é especialmente interessante. Trata-se de uma miniatura de lâmina de machado, com gume perfeitamente polido, que apresenta uma

pequena perfuração próxima do talão, pela qual seria possível passar um cordão para utilização como pingente.



Figura 03: Peça X502, encontrada nas proximidades do Rio Trombetas, Pará.

II) “Lâminas de Machado”

Uma vez que não é possível determinar com absoluta certeza em todos os casos se as peças identificadas como lâminas de pedra polida com gume transversal eram de fato utilizadas encabadas como machados, considera-se preferível o uso de espas para o emprego deste termo. Estas são as peças presentes em maior número na coleção, representadas por 90 artefatos. As matérias-primas predominantes são rochas básicas e graníticas. Há grande variedade morfológica entre as peças, o que também permite observar a utilização de diversas técnicas na produção.

Entre estas peças a coleção apresenta um conjunto de 8 lâminas semilunares, geralmente associadas aos atuais falantes do tronco Macro-jê. Caracterizam-se pela simetria e polimento fino em todo o corpo. Sabe-se por relatos de cronistas, como o frade capuchinho Yves d’Evreux (1929), o qual no século XVI teve contato com estes grupos indígenas do território brasileiro, que estes machados eram armas de guerra, além de possuírem um importante valor simbólico para estes grupos, os quais os utilizavam também como acompanhamentos funerários (PROUS, 1992, p. 354).

Há 16 lâminas de machado provenientes de sambaquis na coleção. Estas peças apresentam técnica de fabricação diferenciada, em que simetria e superfície regular não têm papel importante, sendo comum a presença de negativos de retiradas de grandes lascas no corpo da peça, em alguns casos apresentando ainda traços do córtex. O polimento geralmente está limitado à região do gume.

A variabilidade morfológica destas peças, destacada na figura 04, também permite observar as distintas adaptações para encabamento elaboradas por diferentes grupos. Há lâminas com o que se chama de “ombros”, na parte proximal; e com sulcos ou “gargantas”, na região mesial.



Figura 04: Lâminas exemplificando a diversidade técnica e morfológica da coleção.

Origem das peças: c-Maranhão; d- Goiás. As peças a, b, e, f e g tem origem desconhecida.

III) Mãos-de-Pilão

Utilizando as definições de Souza (2008, p. 40), as mãos-de-pilão são instrumentos líticos polidos alongados que apresentam dois polos, sendo ao menos um deles ativo, mais alargado e relativamente plano, destinado à maceração. O corpo e o polo oposto são destinados à apreensão manual, podendo ocorrer de ambos os polos apresentarem marcas de uso.

IV) Pontas de projétil

As pontas de projétil compõem o segundo conjunto de artefatos presentes em maior número na coleção, com 75 peças. São provenientes, em sua maior parte, das regiões sul e sudeste do país, mas há também peças do Amazonas, Amapá, Goiás, Mato Grosso e Bahia.

Destaca-se entre elas a peça X424 (FIGURA 05A), proveniente de Poxoréu-MT, devido às suas dimensões excepcionais, com 19 cm de comprimento, e qualidade técnica, demonstrada pelos grandes negativos de lascas de adelgaçamento.



Figura 05: Pontas de projétil exemplificando a diversidade técnica e morfológica da coleção. Origem das peças: a- Poxoréu-MT; b- Jataí-GO; c- Paracatu-MG; d- desconhecida; e- Campos Novos-SC; f- Rio Branco-AM.

VI) Virotos

Os virotos são artefatos que poderiam ser utilizados na ponta de dardos, ou nas pontas de flechas, como faziam os Kaingang (TIBURTIUS, 1954; SOUZA, 2008, p. 41). Estes grupos produziam flechas adaptadas como uma espécie de taquara rachada na parte distal, na qual todo o corpo do virote era encaixado. A ponta poderia ainda ser amarrada, dando firmeza à preensão.

As dimensões destas peças variam de 6 cm a 10 cm de comprimento, sendo comum nas maiores verificar um alargamento abrupto próximo da região distal. Sua função seria apanhar no alto de árvores pinhas ou animais de pequeno a médio porte, como aves e macacos. Sua ponta não perfurante possivelmente visava capturar animais apenas atordoados, mas ainda vivos, ou evitar que o pelo ou as penas do animal fossem danificados.

VII) Zoólitos

Há nesta coleção dois zoólitos, quantidade relevante tendo em vista o fato destas peças serem raras na arqueologia brasileira. Trata-se de artefatos líticos polidos com formas de animais, geralmente peixes e aves. São encontrados em sambaquis do litoral, ocorrendo desde o sudeste do Brasil até o Uruguai. Caracterizam-se por possuírem uma concavidade na região ventral – ou lateral, no caso de algumas representações de peixes – cuja real finalidade permanece desconhecida.

Prous (1977), em um detalhado trabalho que realizou com estes artefatos, levantou mais de 250 zoólitos, e Gomes (2012) estimou 300 peças, após análise de acervos de Museus, fontes bibliográficas e

documentais. Prous sugere que a produção destas peças teve início na região de São Paulo e Paraná, com a datação mais antiga para 2168 anos A.P. (*idem*, p. 125). Desta região a prática teria se difundido em direção ao sul do continente, e nesta difusão é possível notar o desenvolvimento de variações morfológicas regionais, com alterações na geometria e nas dimensões das peças.

O zoólito X507 (FIGURA 06) foi encontrado em Iguape-SP, porém não há informações sobre o sambaqui do qual teria sido retirado. Sua forma apresenta um núcleo elipsoidal do qual saem dois pequenos apêndices laterais e um apêndice anterior cônico.



Figura 06: Peça X507, zoólito encontrado em Iguape-SP.

VIII) Esferas, peças com depressão e peças circulares com perfuração

No caso destes artefatos optou-se por manter no novo banco de dados a classificação originalmente feita pelos autores do catálogo de 1988 do APA. Neste catálogo algumas peças não foram classificadas por categorias funcionais (como *pesos de rede e quebra-coquinhos*). No lugar destas foram utilizadas características morfológicas dos artefatos para nomear as categorias. Entre estas peças há: a) *esferas* (possivelmente, em sua maioria, bolas de boleadeira): definidas como peças arredondadas, fabricadas por picoteamento, em alguns casos seguido de polimento; b) *peças circulares*: artefatos circulares polidos com uma perfuração no centro (FIGURA 07C); c) *artefatos com depressão*: peças comumente chamadas de “quebra-coquinhos”, apresentando depressões cupuliformes em uma ou em ambas as faces.

IX) Outros artefatos

Neste último grupo estão artefatos diversos, presentes em pequena quantidade. São 40 peças, entre pré-formas, lascas, amostras de matéria-prima e peças com características incomuns (exemplificadas na figura 07), que não foram classificadas.



Figura 07: a-X417, peça com orifício, Mato Grosso; b-X520, artefato bicônico com sulco, sambaqui Mampituba, Torres-RS; c-X528, peça circular com perfuração central, Sambaqui do Tito, Cananéia-SP; d-X547, sem classificação, Iporanga-SP.

CONCLUSÃO

A curadoria da coleção arqueológica lítica do Acervo Plínio Ayrosa permitiu melhorar suas condições de catalogação e acondicionamento no MAE, além da sua utilização em atividades de pesquisa e de comunicação museológica. Um projeto em andamento, denominado “Pedras que contam histórias: três coleções arqueológicas líticas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo”, possibilitará a divulgação de um novo catálogo da coleção, que permitirá sua apresentação de forma mais detalhada. O mesmo abarcará também uma discussão sobre a importância dos acervos antigos como fontes históricas, capazes de revelar os valores e visões de mundo que permearam sua formação.

No presente artigo procurou-se apresentar a diversidade desta coleção, evidenciada na variabilidade tipológica, tecnológica e cultural do material. Cabe sublinhar ainda que entre estas 263 peças do APA, 42 são provenientes de sambaquis, principalmente do estado de São Paulo. Tendo-se em vista o fato de que a indústria lítica sambaqueira se caracteriza por apresentar uma quantidade relativamente pequena de artefatos formais, deve-se destacar a presença de tais artefatos nesta coleção, entre os quais podem ser mencionados os zoólitos, “lâminas de machado”, pesos de rede e adornos corporais.

AGRADECIMENTOS

À Capes pelas bolsas de mestrado (DCG e GNS) e ao CNPq pelas bolsas de iniciação científica – PIBIC (DCG) e de produtividade (MCA). A Dária Elânia Fernandes Barreto e José Paulo Jacob, pelo auxílio nas atividades de laboratório, a Ader Gotardo, pelas fotografias, e a Daniela Costanzo, pelo auxílio na produção do mapa em software *TerraView*.

TABELAS

	A M	A P	B A	G O	M A	M G	M T	P A	P I	P R	R J	R S	S C	S P	Origem Ignorada	Total Geral
Adornos polidos	1		1		1	1		1					2	3	2	12
Esferas												2		2	1	5
Lâminas de machado	2			3	1	9		1	1	2	1			2 8	42	90
Lesma														1	1	2
Mãos-de-Pilão						3				1				3	6	13
Outros artefatos			1			3	2	1		1		2		1 1	19	40
Peças circulares com perfuração												2		2		4
Peças com depressões						2							1	1	5	9
Ponta polida	1									1						2
Pontas de projétil	6	1	1	3		4	1			1 1			1 1	2 4	13	75
Raspador															1	1
Virotes						1				1				5	1	8
Zoólito														1	1	2
Total Geral	10	1	3	6	2	23	3	3	1	1 7	1	6	1 4	8 1	92	263

Tabela 01: Distribuição dos tipos de artefato por estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DE PAULA, T.C.T. O Tecido Como Assunto: Os Têxteis e a Conservação nas Revistas e Catálogos dos Museus da USP. *Anais do Museu Paulista*, vol. 13, n. 1, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- EVREUX, Y. *Viagem ao Norte do Brasil*. Biblioteca de Escritores Maranhenses, Rio de Janeiro, 1929.
- GOMES, A. A.O. *Perspectivas interpretativas no estudo das esculturas zoomórficas pré-coloniais do litoral sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Paraná, 2012.
- HUSTER, A.C. Assessing Systematic Bias in Museum Collections. A Case Study of Spindle Whorls. *Advances in Archaeological Practice: A Journal of the Society for American Archaeology*, v.1, n. 2, November, 2013, p. 77-90.
- KIPNIS, R.; NEVES, E.; SANTOS, M.C.M. *Relatório: Acervo Plínio Ayrosa*. Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.
- LEROI-GOURHAM, André. *Pré-História*. São Paulo: Edusp, 1981.
- PHILLIPS, P.; WILLEY, G. Method and Theory in American Archaeology: An Operational Basis for Culture-Historical Integration, *American Anthropologist*, v. 55, p. 615-633, 1953.
- PROUS, A. Les Sculptures Zoomorphes du Sud Brésilien et de l'Uruguay. *Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud*, CNRS, Paris, v.5, p. 1-177, 1977.
- PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora UnB, 1992.
- PROUS, A. Apuntes para análisis de industrias líticas. Ortegália: Fundación Federico Maciñeira, p. 172, 2004.
- SOUZA, G.N. O Material Lítico Polido do interior de Minas Gerais e São Paulo: entre a matéria e a cultura. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- TIBURTIUS, G.; LEPREVOST, A. "Nota sobre a ocorrência de virotes, nos estados do Paraná e Santa Catarina" *Arquivos de Biologia e Tecnologia*. Curitiba, v.9 p.87-98, 1954.